

EDUCAÇÃO AMBIENTAL E PATRIMONIAL: significados da ação educativa construídos na experiência museológica

Sindiany Suelen Caduda dos Santos*
Rosemeri Melo e Souza**

RESUMO

A educação ambiental, por meio da educação patrimonial, estimula vivências que podem constituir a base para a conservação do meio ambiente, resgatando histórias de culturas que fizeram parte da dinâmica da natureza e que permearam o passado de gerações antigas, marcadas por aspectos históricos e culturais singulares. O trabalho objetiva discutir os significados trazidos pelo subprojeto “*O Max na prática pedagógica*” na comunidade escolar. A metodologia consistiu no desenvolvimento das etapas de sensibilização, vivência pedagógica e culminância, desenvolvidas por meio da investigação-ação. Tais ações devem integrar a realidade dos atores da comunidade escolar, a fim de estabelecer o diálogo contínuo, em um processo de sistematização do conhecimento, voltado para a construção de significados.

Palavras-Chave: Educação Ambiental. Educação Patrimonial. Museu de Arqueologia de Xingó. Ação Educativa.

ABSTRACT

Environmental And Heritage Education: Meanings Of Educational Actions Constructed By Experiences In A Museum

Environmental Education, through Heritage Education, stimulates experiences that can constitute the basis for environmental preservation by rescuing stories of cultures which were part of the dynamics of nature that permeated past generations marked by unique historical and cultural aspects. This paper aims at discussing the meanings brought by the subproject “*The Max (Museum of Archaeology Xingó) in Pedagogical Practices*” to the school community. The methodology consisted of the following stages, which were developed in action-research: Sensitization, Pedagogical Experience and Culmination. Such actions must be part of the actors’

* Mestre e doutoranda em Desenvolvimento e Meio Ambiente - PRODEMA/UFS. Laboratório de Geocologia e Planejamento Territorial - GEOPLAN - Universidade Federal de Sergipe – UFS. E-mail: sindysuelen@hotmail.com

** Pós-doutora em Geografia Física. Docente associada do DGE/NPGeo e PRODEMA/UFS. Laboratório de Geocologia e Planejamento Territorial - GEOPLAN - Universidade Federal de Sergipe – UFS. E-mail: rome@ufs.br

reality in the school community in order to establish a continuous dialogue in a process of knowledge systematization towards the construction of meanings.

Keywords: Environmental Education. Heritage Education. Museum of Archaeology Xingó. Educational Action.

1 INTRODUÇÃO

A produção de conhecimento está diretamente ligada à relação entre o natural e o social, envolvendo a análise dos determinantes do processo, o papel exercido pelos atores sociais e as várias formas de organização social (JACOBI, 2003). A educação patrimonial trabalha com o propósito de estimular vivências que podem constituir a base para a conservação do patrimônio histórico-cultural e do meio ambiente, resgatando as histórias de culturas que fizeram parte da dinâmica dos diversos ambientes (MORAES, 2005).

Segundo a autora, a educação patrimonial pode ser aplicada em várias esferas do saber, em virtude de seu caráter interdisciplinar, em cuja proposta insere-se a educação ambiental. Esta, portanto, permite aos sujeitos entender a complexidade do mundo e trabalhar em uma proposição inovadora, dotada de criticidade (LOUREIRO, 2004).

Os museus comportam-se como instituições de pesquisa e conservação do patrimônio, na perspectiva de construção dos conhecimentos por parte dos educandos. O trabalho de conservação do patrimônio histórico-cultural no ambiente escolar deve ser conduzido com o propósito de despertar a reflexão dos alunos para a necessidade de valorização de todo o patrimônio, que compõe as distintas ambiências, reforçando os processos de cidadania (MORAES, 2005).

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, órgão governamental brasileiro, atua no processo de resgate do patrimônio cultural, por parte da sociedade, e apoia medidas educativas, acreditando no poder da educação para transformar realidades diversas. (IPHAN, 2011). Partindo de tal princípio, o Museu de Arqueologia de Xingó – MAX, através de sua prática pedagógica, objetiva estabelecer vivências diretas voltadas para a valorização do patrimônio cultural, considerando a dimensão ambiental da educação patrimonial.

Em parceria com a escola, o Museu de Arqueologia de Xingó, entre os anos de 2005 e 2008, desenvolvia atividades em todas as redes

de ensino, as quais permitiam, tanto ao educador quanto ao aluno, conhecer e refletir sobre conteúdos concernentes à pré-história sergipana. Além disso, o Projeto envolvia organizações da comunidade local e instituições que trabalham com a inclusão social, nos propósitos da construção de significados pelos diversos atores da ação (CRUZ *et al.* 2006).

Segundo a autora, a proposta pedagógica do museu, intitulada “O MAX na prática pedagógica”, ganhava vida por meio da “Ação Educativa do MAX”. O trabalho acontecia no período de uma semana em redes de ensino público e particular, além de ser levado à comunidade em geral, envolvendo três etapas: a sensibilização do corpo docente, a vivência pedagógica com o corpo discente e a culminância, integrando teoria e prática entre educadores e educandos e concretizando os aspectos da dimensão ambiental da educação patrimonial (CRUZ *et al.*, 2006).

A participação dos atores da ação é de extrema importância para a conservação do patrimônio deixado por aqueles que habitaram a região de Xingó no período da pré-história sergipana, deixando seus traços e marcas na natureza, sobrevivendo apenas com aquilo que era essencial e que representava a garantia da existência das próximas gerações e, paralelamente, a formação de identidades (CRUZ, 2004).

Nesse prisma, o artigo foi desenvolvido considerando as perspectivas da educação ambiental, do educar ambientalmente no viés da educação patrimonial e do papel do Museu de Arqueologia de Xingó na educação do patrimônio, a fim de fornecer subsídios teóricos e práticos que expressem a dimensão ambiental da educação patrimonial.

Desta forma, foi possível discutir significados voltados para a dimensão ambiental da educação patrimonial, por parte dos educandos, e a necessidade de permanência dos diálogos e práticas junto à comunidade, dando sequência aos processos de valorização e preservação do patrimônio histórico e cultural da região de Xingó.

2 METODOLOGIA

O presente estudo contou com a contribuição de obras voltadas para a educação ambiental, representadas entre outros autores por Loureiro (2004) e Leff (2001), e educação patrimonial associada especificamente ao Museu de Arqueologia de Xingó, especialmente representada por Cruz (2004).

O trabalho prático é resultante de ações educativas realizadas pelo Museu de Arqueologia de Xingó, entre os anos de 2006 a 2008, período em que era desenvolvida a proposta “O MAX na prática pedagógica”. O projeto tinha por objetivo trabalhar a educação patrimonial nas escolas de todas as redes de ensino (municipal, estadual, federal e particular), de forma dialógica e participativa, no âmbito da identificação, reconhecimento e proteção do patrimônio cultural, como contributo ao exercício da cidadania.

Para tanto, as distintas escolas constituíram os locais de estudo, e a proposta pedagógica sempre se configurava de maneira inclusiva, partindo da premissa de que as escolas são comunidades de aprendizagem que têm suporte na integração e participação permanente de educadores e educandos.

A metodologia utilizada durante as ações educativas consistiu no desenvolvimento de três etapas, descritas a seguir.

1ª Etapa: Sensibilização

A primeira etapa do processo de ação educativa realizada pelo MAX, na prática pedagógica, correspondeu à sensibilização do corpo docente da escola, em especial da direção e educadores.

Neste momento, a equipe que participava da ação educativa do MAX (coordenação pedagógica e arqueólogos) estabelecia contato com a equipe diretiva da escola, através de reuniões discursivas, a fim de esclarecer os objetivos da ação educativa do museu e da proposta pedagógica que seria aplicada na escola durante a semana educativa. O principal objetivo da etapa em questão girava em torno de reforçar a importância da presença dos conteúdos da pré-história brasileira e regional nas atividades curriculares, socializando o conhecimento sobre o patrimônio histórico e cultural do MAX e sua política de valorização e preservação.

Durante a etapa de sensibilização, arqueólogos do museu retratavam as heranças deixadas e registradas nos sítios arqueológicos de Xingó. Além disso, material didático complementar, como cartilha educativa sobre o MAX; kit pedagógico contendo folders, textos, e outros materiais de folheteria também foram disponibilizados para leitura e conseqüente aprofundamento dos conhecimentos sobre o museu.

2ª Etapa: Vivência Pedagógica

Dando continuidade aos objetivos do subprojeto “O MAX na prática pedagógica”, o museu promovia uma semana de atividades, contemplando as necessidades dos alunos. A fim de incluir toda a comunidade escolar no projeto, as atividades eram realizadas nos três turnos de funcionamento da escola, incluindo alunos do ensino fundamental e médio.

Inicialmente, palestras eram ministradas aos alunos acerca da pré-história do Baixo São Francisco. Cada encontro era construído para atender as particularidades de cada nível de ensino e para promover a aprendizagem dos alunos, no âmbito da temática abordada.

Durante as palestras, *banners* serviam como material de apoio, pontuando as principais questões acerca da temática tratada, a exemplo do cotidiano das comunidades que habitaram a região xingoana na pré-história. Além disso, era realizada, na unidade museológica do MAX, em São Cristóvão, na Universidade Federal de Sergipe, a exposição de réplicas do material encontrado: material lítico, cerâmico etc.

3ª Etapa: Culminância

A terceira etapa da Semana Pedagógica visa à consolidação da aprendizagem exposta nas fases anteriores. A exposição de réplicas, já iniciada anteriormente na vivência pedagógica, ganhava maiores representações, com a exposição das réplicas dos esqueletos.

Eram realizadas atividades lúdicas diversas, envolvendo jogos educativos que retratavam a pré-história sergipana, além de oficinas de pintura e desenho. Ademais, nessa etapa, havia a exposição de vídeo sobre as pesquisas do MAX e sobre a “exposição de curta duração” no museu, em Xingó.

No contexto apresentado, a presente pesquisa tem caráter participativo e está fundamentada na investigação-ação participativa, formato que une pesquisadores e a comunidade, admitindo a interação e a investigação capazes de permitir a ação e a transformação da realidade, resultantes da reflexão e da investigação contínuas (MARCONI; LAKATOS, 2009).

Conforme as autoras, a investigação-ação objetiva permitir aos atores da ação o autoconhecimento e a autotransformação, passível de transformar a realidade estudada.

A partir das ações, o Museu de Arqueologia de Xingó fez um

levantamento do número de instituições das redes de ensino particular, estadual, municipal e federal que se engajaram no projeto da Ação Educativa no período de 2005 a 2007 (BOLETIM INFORMATIVO/MAX, 2007).

3 SOB OS OLHARES DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

A educação ambiental opera em favor da transformação das sociedades, inspirada no fortalecimento dos sujeitos e na prática da cidadania. Essa educação procura dar passos rumo à superação das imposições de uma sociedade capitalista e, assim, compreender a complexidade do mundo em sua totalidade, através de uma educação que se origina diante dos objetivos das pedagogias críticas e emancipatórias (LOUREIRO, 2004).

O crescimento econômico, a fragmentação do conhecimento e o poder do estado e do mercado são três pontos fundamentais a sustentar a necessidade de criação de novos paradigmas do conhecimento. Partindo de tais questões, a educação ambiental baseia-se no propósito de estabelecer uma nova ética orientadora de valores e comportamentos sociais e uma concepção de mundo inovadora, que conduza a um novo saber e à reconstrução do conhecimento (LEFF, 2001).

Segundo o mesmo autor, a educação ambiental deve, portanto, pautar-se no avanço da construção de novos objetos de estudo com viés interdisciplinar e no questionamento dos paradigmas dominantes da formação dos professores e da incorporação do saber ambiental surgida nas propostas curriculares atuais.

Essa educação ambiental inscreve-se na própria dinâmica da educação e forma-se a partir das relações entre as diversas tendências da pedagogia e do ambientalismo, que encontram na “natureza” e no “ambiente” categorias essenciais e identitárias (LOUREIRO, 2004).

Desde Paulo Freire, a Educação é pensada como algo inerente à ação humana, que transforma natureza em cultura, imprimindo-lhe significados e transportando-a para o campo da certeza de estar e participar do mundo, participar da vida (CARVALHO, 2004).

Nessa perspectiva, de acordo com Loureiro (2004), a educação ambiental atua nas dimensões históricas esquecidas pela educação, envolvendo o fazer educativo, no que concerne ao entendimento da vida e do meio natural, e revelando ou denunciando as dicotomias da

modernidade capitalista e do paradigma analítico-linear, não dialético.

No enfoque dado, os conceitos e as práticas da educação ambiental consideram que os problemas estão inseridos em uma perspectiva inclusiva (MELO e SOUZA, 2008). O ambiente não está limitado ao sentido da ecologia, mas antes se refere à complexidade do mundo (LEFF, 2001).

Portanto, é papel da educação ambiental formar para a cidadania, uma vez que se encontra enraizada em processos políticos e pedagógicos. Logo, cabe a ela desenvolver um conhecimento interdisciplinar, baseado em uma visão interdependente de mundo, que permita aos indivíduos a capacidade de investigação, reflexão e ação diante de questões não apenas naturais, mas também sociais, econômicas e culturais (CASTRO JR., 2005).

3.1 Dimensão ambiental na perspectiva da educação patrimonial

A educação ambiental trata dos estudos ligados ao meio ambiente em sua totalidade. A Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 afirma, em seu Artigo 225, que compete ao poder público e à coletividade o dever de preservar e defender o meio ambiente para as presentes e as futuras gerações. O inciso VI, parágrafo 1º do mesmo artigo, delega ao poder público o dever de “promover a educação ambiental em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para a preservação do meio ambiente” (BRASIL, 1988).

Considerando que o estudo-alvo da educação ambiental corresponde ao ambiente em sua totalidade, é possível constatar que o meio ambiente integra inúmeros elementos, a exemplo dos patrimônios naturais, artificiais e culturais (LEITE, 2003).

Dessa maneira, os museus, dentre outras características, são componentes do patrimônio histórico e cultural dos distintos povos, atuando como fontes de inspiração do passado. Eles ainda exercem o importante papel de conservação, valorização e exposição de elementos relacionados à história e à memória, sendo que ambas podem ser atribuídas especificamente a um lugar, a um indivíduo ou a uma população (PEIXOTO, 2004).

O relevante papel exercido pelos museus do país associa-se à valorização e ao conhecimento da cultura brasileira, às diversas formas de expressão cultural da sociedade e à riqueza histórica que os mesmos

apresentam. Dessa forma, os museus são instrumentos de integração e interdisciplinaridade, por meio da realização de trabalhos de pesquisa, ensino e extensão (CRUZ, 2004).

A educação patrimonial, tradução da expressão inglesa Heritage Education, surgiu no Brasil em meio a significativas discussões surgidas a partir da necessidade de se aprofundar o conhecimento e a preservação do patrimônio histórico-cultural (MORAES, 2005). Seu caráter interdisciplinar revela-se a partir dos propósitos voltados para a valorização do patrimônio, da história e da cidadania. Recorde-se que a Constituição Federal da República de 1988 fundamentou os primeiros princípios de uma cidadania ambiental e ativa, explicitada em inúmeros documentos legais e doutrinários e discutida em vários textos da literatura especializada (CASTRO; JR, 2005).

Na perspectiva adotada, a educação ambiental equipara-se à educação patrimonial, uma vez que ambas têm como foco a formação do cidadão, em favor das economias locais, através do desenvolvimento do turismo e da sustentabilidade (TEIXEIRA *et al.*, 2006).

Assim, preservar o patrimônio cultural envolve a valorização e a preservação da cultura material e da memória da sociedade como um todo, considerando-a em nível local, regional ou nacional. Os elementos e as expressões do patrimônio cultural são pontos de partida para a realização de atividades pedagógicas que visem observar e, através de questionamentos, explorar todos os aspectos desse patrimônio, construindo conceitos e conhecimentos (NOELLI, 2004).

O museu, em sua função pedagógica, é um importante suporte do ensino ativo. Cabe a esse ambiente ampliar o leque de possibilidades, permitindo a assimilação de uma cultura pedagógica moderna que crie oportunidades de desenvolvimento, de pesquisas e construa a historicidade do objeto. A admissão da existência do objeto é condição-chave para a edificação historiográfica. O papel museológico de reconstrução do passado não permite a simples exibição dos artefatos, mas sim a construção do conhecimento acerca dos mesmos, dentro de um contexto histórico (COELHO, 2004 *apud* FERNANDES, 2004).

A educação do patrimônio toma os objetos e as expressões do patrimônio cultural como ponto de partida para a execução de uma atividade pedagógica que proporcione o conhecimento e o fortalecimento dos sentimentos de identidade cultural e cidadania (HORTA, 2003).

Logo, a educação ambiental atrelada à educação patrimonial tem

como função a criação de ações sociais integradoras de conservação do ambiente, solidariedade, segurança, dentre outros aspectos que compõem a preocupação da sociedade atual. É relevante, nesse contexto, a participação de alunos e professores que questionem comportamentos e atitudes e que tenham abordagens críticas e conscientes das questões ambientais (JACOBI, 2005).

3.2 Museu de Arqueologia de Xingó (MAX) e seu papel na educação patrimonial

Ao longo dos anos, a proposta metodológica educacional no âmbito da educação patrimonial vem ganhando espaço por meio de inúmeras ações, cuja base é a questão patrimonial, que se configura como uma práxis educativa social, permitindo, por sua vez, a elaboração de ações pedagógicas voltadas para enfoques interdisciplinares (TEIXEIRA *et al.*, 2006).

O Museu de Arqueologia de Xingó (MAX), desde a criação, no ano de 2001, da sua unidade museológica, por meio da Lei Rouanet, tem considerado a importância da compreensão e da valorização dos assuntos que se referem à pré-história do Baixo São Francisco, estabelecendo uma direta relação entre as inúmeras pesquisas arqueológicas realizadas e o seu rico acervo, na perspectiva de que o conhecimento desse acervo constitui um valioso instrumento de entendimento histórico-cultural (CRUZ, 2004).

Em se tratando de preservar e difundir a cultura regional e local, o MAX dispõe de ações pedagógicas que atendem as particularidades da comunidade do entorno, sejam elas no âmbito escolar ou não. No tocante à comunidade escolar, o MAX objetiva contribuir para a aprendizagem do educador e do educando, possibilitando a recomposição da relação presente-passado. A construção e a difusão do conhecimento do acervo museológico do MAX tornaram-se possíveis em virtude da ação educativa realizada por ele e aplicada em meio à elaboração do projeto “O Museu vai à Escola, a Escola vai ao Museu” (CRUZ, 2004).

A publicação de um texto didático referente à pré-história sergipana, no ano de 2000, foi o início da ampliação de conhecimentos, por parte dos pesquisadores do MAX, acerca do referido tópico e o ponto-chave para a continuidade dos estudos que visam preencher a lacuna existente entre os conhecimentos acadêmicos e aqueles ligados à

educação básica (DINIZ, 2003 *apud* CARVALHO, 2003).

Na proposta apresentada, Cruz (2004) afirma que um dos subprojetos contemplados pelo projeto “O Museu vai à Escola, a Escola vai ao Museu é “O MAX na prática pedagógica”. Eis um importante contribuinte na articulação do conhecimento histórico com o fazer pedagógico. Nesse contexto, o MAX direciona seus trabalhos a partir da união entre museologia e educação, em que esta é realizada como um processo cujo foco é a educação patrimonial.

A partir do enfoque escolhido, as ações do MAX consideram que a escola seja o ambiente propício ao desenvolvimento da dimensão ambiental da educação do patrimônio, que exerce imensa influência sobre a vida e o cotidiano dos alunos. Conforme Pelicioni (2005), a escola é um espaço de ensino-aprendizagem, convivência e crescimento, onde são adquiridos valores fundamentais.

Com suas ações educativas, o MAX pretendia suprir o espaço deixado pelos conteúdos curriculares das escolas, nos quais os estudos relativos à pré-história são pouco trabalhados. Em Sergipe, mesmo com todas as pesquisas arqueológicas desde a década de 80, foi somente a partir do ano de 2000, com o advento do Museu de Arqueologia de Xingó, que a pré-história sergipana ultrapassou o mundo acadêmico, chegando às salas de aulas do ensino básico. Na perspectiva da educação patrimonial, a ação educativa proporciona o descobrimento de novas vertentes do fazer pedagógico e à aplicação do conhecimento, que resultam das contínuas pesquisas arqueológicas (CRUZ, 2004).

Logo, observa-se que o subprojeto da ação educativa correspondente ao “MAX na prática pedagógica visa promover o acesso direto ao conhecimento da pré-história sergipana na direção da valorização e da preservação do patrimônio cultural, que é fruto das várias pesquisas arqueológicas realizadas pelos pesquisadores que compõem o Museu de Arqueologia de Xingó (CRUZ, 2004).

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 “O Max na prática pedagógica”

Em parceria com as unidades de ensino, o MAX articulava uma relação que envolvia teoria e prática. Durante as ações, o Museu de Arqueologia de Xingó buscava despertar a motivação, tanto do educador,

quanto do aluno, por intermédio do processo de ação-reflexão acerca do patrimônio histórico-cultural (CRUZ, 2004).

Seguindo os passos da teoria previamente descrita por Cruz (2004), em sua obra *O museu vai à Escola, a Escola vai ao museu*, inicialmente, o conhecimento a respeito da pré-história sergipana era socializado priorizando a capacitação de professores através da realização de atividades que os tornassem conhecedores dos assuntos relativos a seus antepassados. O principal propósito do momento em questão consistia em tornar os professores das inúmeras disciplinas, como história, geografia, artes e biologia, capazes de estimular o aluno a observar, interpretar e analisar os processos inerentes à pré-história sergipana.

O subprojeto realizava-se durante uma semana pedagógica, configurada em três etapas articuladoras e consecutivas, envolvendo tanto o corpo docente quanto o discente da instituição, uma vez que a participação dos primeiros nos processos de reconstrução de significados é de extrema relevância.

Durante a fase de aplicação do projeto nas escolas e existência da proposta pedagógica do MAX, os momentos pedagógicos eram organizados em três fases: sensibilização, vivência pedagógica e culminância (CRUZ, 2004).

Na visão da autora, as ações educativas cumpriam-se seguindo o propósito de que o resgate histórico e a produção do saber correspondiam ao ponto de partida para a capacitação dos participantes da ação, no sentido de conhecer, refletir e agir, segundo a perspectiva de preservação do patrimônio.

1ª Etapa: Sensibilização

A sensibilização era elemento basilar para a realização da ação educativa, já que nessa etapa eram dados os primeiros passos rumo à reconstrução de significados, iniciada com o corpo docente das diversas instituições trabalhadas.

Por meio de palestras acerca dos objetivos do museu, ministradas pela equipe diretiva do MAX aos docentes, os educadores e demais participantes ultrapassavam a ideia de plena exposição de conceitos, substituída pela participação na ação.

A discussão da proposta junto à escola colocava em questão a

relevância de educar pelo viés da preservação do patrimônio histórico-cultural para as gerações presentes e futuras. Essa etapa permitia ainda que os professores, através do conhecimento construído, pudessem ser instrumentos do saber para os alunos e para a sociedade.

O contato inicial com eles ficava por conta da ex-coordenadora da ação educativa, Prof^a. MSc. Maria Tereza Souza Cruz, responsável pela apresentação do projeto do Museu de Arqueologia de Xingó aos arqueólogos participantes, Ma. Railda Nascimento Silva e Me. Almir Souza Vieira Júnior, e dos estagiários, que também faziam parte da ação educativa. Ainda no mesmo momento, era definido, juntamente com a escola, o cronograma de atividades de participação dos alunos.

Em seguida, os arqueólogos ministravam palestra para os docentes, cujo conteúdo era a pré-história sergipana a partir do acervo existente no MAX. Posteriormente, era aberto espaço para a participação dos professores, com o propósito de que manifestassem suas dúvidas e discutissem a continuidade do trabalho com os alunos durante a Semana Pedagógica.

A partir disso, os professores eram atores protagonistas no processo de construção do conhecimento dos alunos, no âmbito da pré-história do Xingó. Ressalte-se a importância dos professores de história, dentro do contexto histórico; de ciências e biologia, em se tratando da morfologia corpórea dos antepassados, bem como a forma de alimentação dos povos e a sua influência para o corpo como um todo, além da relevância da geografia e o estudo dos espaços ocupados, com a ideia de território e paisagem local, bem como dos recursos naturais disponíveis, que garantiam a sobrevivência dos indivíduos.

O momento de discussões, muitas vezes, era marcado pelo silêncio de alguns educadores, levando à constatação de que muitos não reconheciam a relevância da dimensão ambiental existente na educação patrimonial, enquanto campo que permite a construção de significados, por parte dos alunos, a partir do patrimônio deixado pelos antepassados.

A prática do ensino tradicional ainda reproduzida por inúmeros educadores representa um obstáculo para a relação direta ou indireta entre as várias disciplinas, como a história, a biologia e a geografia; tal postura não parece ser diferente em relação à educação patrimonial, visto que, na maioria das vezes, é tratada como conteúdo da disciplina de história.

De fato, ainda existe muita dificuldade, por parte daqueles que são

responsáveis pela educação do país, em saber conceituar e aplicar os princípios da educação patrimonial de maneira coletiva, construtora de significados e geradora de ações efetivas e transformadoras. Para tanto, ações como a realizada pelo Museu são de fundamental importância, à medida que permitem criar valores próprios e singulares.

2ª Etapa: Vivência Pedagógica

Na perspectiva da proposta de Cruz (2004), após trabalhar com os professores, no intuito de fazê-los intermediadores do conhecimento voltado para a educação patrimonial, especialmente a partir do projeto do MAX, iniciava-se o trabalho com os alunos, em um momento denominado vivência pedagógica, através do qual eles viviam a experiência trazida pela pré-história xingoana, criando e recriando valores de forma simbólica. (Figuras 1 e 2).

Ainda na segunda etapa, os alunos vivenciavam o conteúdo ministrado de forma teórica e prática. A exposição de *banners* e réplicas fazia-os refletir acerca da existência de povos antepassados, cuja cultura e modo de vida ficaram registrados na região xingoana.

Os estudos até então realizados na região permitiam aos alunos visualizar, conhecer e dar significados ao que foi deixado por aquele povo às gerações presentes. Os educandos tinham contato com objetos encontrados pelos pesquisadores do museu, como facas, machados, panelas de barro etc; conheciam a ideia de sobrevivência em grupo e as práticas nômades dos homens da pré-história do Xingó. Ademais, era mostrado aos alunos indícios de práticas culturais peculiares, como os rituais fúnebres demonstrada nos registros rupestres e nos achados dos sítios arqueológicos da região xingoana.

Dando continuidade às atividades do projeto, o aluno era levado a pensar nas condições ambientais que limitavam a sobrevivência dos indivíduos e na utilização dos recursos naturais que possivelmente estivessem disponíveis na época, refletindo, portanto, sobre a ligação íntima entre educação do patrimônio e educação do ambiente. A valorização e a preservação do passado são garantias aos mais jovens da perpetuação da memória histórica atual (CARBONAR, 2009).

Os alunos do ensino fundamental, na etapa em foco, passavam por um processo contínuo de reconstrução do conhecimento. Eles surpreendiam-se com o fato de os homens da pré-história xingoana terem

vivido nas condições ambientais da época de forma nômade, em grupos, lutando pela sobrevivência e construindo valores. Mesmo aqueles que já haviam estudado a Pré-História na sala de aula, por meio dos livros didáticos, relatavam passar por uma nova experiência, pois se surpreendiam com o fato de Sergipe ter sido palco de uma história com tamanha importância. O que para eles parecia distante, presente apenas na teoria dos livros de história, no momento da aula, tornava-se muito próximo e estimulante. Tal fato podia também ser observado no momento das discussões, que ocorriam depois das explicações. Em muitas das vezes, os alunos faziam intervenções no momento da explicação, tornando-a rica, através de suas manifestações.

Embora a realidade dos alunos do ensino médio os direcionasse para o vestibular, observava-se a surpresa deles também com o conteúdo, antes desconhecido. Cerca de 80% participavam ativamente das discussões e interessavam-se pela necessidade de valorização do patrimônio histórico e cultural.

Foto 1 – Vivência Pedagógica no Colégio de Aplicação – CODAP/UFSE



Fonte: MAX, 2006

Foto 2 – Vivência Pedagógica no Oratório Festivo Dom Bosco



Fonte: MAX, 2006

3ª Etapa: Culminância

Esta etapa tinha como função principal a consolidação do conhecimento adquirido pelos alunos durante a etapa anterior, a vivência pedagógica. A exposição de réplicas dos esqueletos dos dois sexos e de idades diferenciadas, bem como de esqueletos enterrados em diversas posições, entre elas a posição fetal, e ainda de ossos encontrados e associados a objetos de uso pessoal, como colares, pulseiras, ou até

mesmo rearranjados em painéis de barro proporcionava aos alunos uma visão ampliada da cultura de um povo que representa os antepassados humanos do próprio estado (Figura 3).

Os jogos educativos, a pintura e os desenhos despertavam a essência artística dos alunos. Enquanto os jogos educativos fomentavam a curiosidade dos educandos e estimulavam o aprendizado; as várias expressões nos desenhos e pintura em tecido, em papel ou em azulejo, por sua vez, expressavam a aprendizagem dos alunos em relação à pré-história xingoana, em especial durante a vivência pedagógica (Figura 4). É importante frisar que os desenhos sempre retratavam o ambiente construído pela imaginação dos educandos, o que permite supor a valorização atribuída por esses atores à relação entre o homem de Xingó e o meio ambiente onde ele vivia. Ademais, os alunos davam sua própria forma ao ambiente, bem como seus próprios significados, ao imaginar onde e como os paleoíndios viviam.

A imagem e o som dos vídeos atraíam muito os alunos do ensino médio. Em sua nova fase de descobertas e aperfeiçoamento da aprendizagem, eles escreviam frases a respeito do conteúdo dos vídeos, tiravam dúvidas e interagiam com os professores da ação educativa e da própria escola. Dessa forma, os alunos imprimiam novos significados, proporcionando novas interpretações do que presenciavam e sentiam.

É importante destacar a postura dos professores que, nessa última etapa da ação, mostravam-se participantes ativos da reconstrução de significados, fato que jamais seria possível se as ações não comessem pelos educadores, com a etapa de sensibilização. Além do mais, considerando que o conhecimento é algo em constante construção, aos professores cabia o papel de continuar o trabalho realizado pela equipe do Museu depois da ação educativa, e a última etapa, a culminância, já mostrava os resultados de contribuição que seriam passados como um ciclo de aprendizagem entre os atores: professor, aluno e sociedade como um todo.

Através do ato de descrever a história, dos desenhos, das pinturas, das expressões escritas em textos, individualmente ou na coletividade, das fotos etc, permite-se reescrever a história, valorizando o passado e a memória de inúmeros sujeitos que estão ocultos, mas que fizeram parte da história (CARBONAR, 2009).

Nessa fase, as atividades, que também foram passadas pelos professores no decorrer da semana em sala de aula, eram igualmente

expostas, a exemplo da confecção de textos direcionados segundo a perspectiva do que foi construído pelos alunos durante a Semana Pedagógica.

Foto 3 – Culminância no Oratório Festivo Dom Bosco com mostra de réplicas



Fonte: MAX, 2007

Foto 4 – Culminância na Escola Estadual Lourival Fontes com oficinas de pintura e desenho



Fonte: MAX, 2007

4.2 Ações Educativas 2005-2007

Entre os anos de 2005 e 2007, as ações educativas promovidas pelo MAX, através do subprojeto “*O MAX na prática pedagógica*”, apresentaram crescimento contínuo. Fato significativo no processo de valorização, por parte das escolas, da educação patrimonial enquanto linha da educação ambiental.

A partir das práticas pedagógicas, constatou-se intensa participação de educadores e educandos. A participação daqueles e o interesse pela vivência experimental no subprojeto foi fator de extrema relevância para a formação dos destes e para a divulgação do conhecimento acerca da Pré-História na comunidade escolar. Alunos e educadores são atores ativos nesse processo de construção do conhecimento através da relação teoria-prática face o contexto histórico.

Os resultados qualitativos observados durante a prática pedagógica e quantitativos (Quadro 1) evidenciam uma mentalidade em transformação no âmbito cultural, desejosa de saber, por parte de docentes e discentes das inúmeras instituições, que se tornam conhecedores do trabalho da Semana Pedagógica e tornam-se contribuintes essenciais dos processos do resgate histórico do homem de Xingó.

Quadro 1 – Levantamento quantitativo de participantes do subprojeto “O MAX na prática pedagógica” entre os anos de 2005 e 2007

Instituições/Escolas	Quantidade	Discentes	Docentes
Particular	6	832	114
Estadual	10	4.717	222
Municipal	8	652	754
Federal	3	1.200	84

Fonte: Boletim Informativo do MAX (2007)

O trabalho desenvolvido pelo MAX, por meio da ação educativa, permitia aos alunos dialogar acerca das relações entre a natureza e o homem do Xingó, de forma que os educandos pudessem compreender a necessidade de valoração do patrimônio histórico-natural e fazer diversas interpretações do cotidiano vivido na pré-história sergipana pelos paleoíndios.

A ação educativa representava, portanto, uma aventura em que os educandos e os sentidos do mundo encontravam-se de forma dialógica, demonstrando a importância dessa prática pedagógica que percorria as escolas e imprimia em cada instituição o desejo de inserir alunos e corpo docente nos processos de reflexão-ação acerca da relação sociedade e meio ambiente, conferindo novos significados às ações, sensações, emoções e às relações estabelecidas.

O trabalho da ação educativa levava aos alunos à prática da leitura em ambiência do MAX, de maneira que houvesse a construção de um passado no presente, capaz de produzir sentidos. Tratava-se de uma experiência prática, que demonstrava o aspecto diferenciado e inovador da educação patrimonial, segundo o qual, ela não deve ser tomada apenas como processo de aprendizagem que valoriza o material somente, mas que amplia o leque de possibilidades desse material de forma simbólica, reconhecendo a dimensão ambiental da educação patrimonial.

De acordo com Carvalho (2004), a educação ambiental promove o desenvolvimento e a expressão do lado afetivo, além de capacitar de maneira cognitiva a leitura do mundo em seu sentido ambiental, permitindo que haja inúmeras compreensões da experiência individual e coletiva com o meio ambiente.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As etapas constituintes da Semana Pedagógica realizadas pelo MAX, através do projeto “*O MAX na prática pedagógica*”, permitiram o contato direto entre pesquisadores, educadores e educandos, em um processo contínuo de troca de experiências, curiosidades e formação de novos conceitos e sentidos relativos à história dos homens pré-históricos do Xingó e a todo o contexto que permeou a vida deles.

A etapa de sensibilização proporcionava aos professores iniciar um trabalho que poderia ser continuado por eles próprios, enquanto atores dos processos de ensino-aprendizagem, mesmo após todas as etapas da ação. A etapa de vivência pedagógica, com duração de três dias, era um momento muito intenso com os alunos, no qual a sistematização dos conhecimentos era nitidamente percebida durante as apresentações e as posteriores discussões. Trabalhava-se, portanto, na perspectiva de despertar a corresponsabilidade que cada um possuía perante o patrimônio histórico e cultural. Por fim, a culminância tecnicamente encerrava o ciclo das ações, mas permitia a continuidade de um processo que jamais deveria ser finalizado: o processo do conhecer, refletir, agir e do saber-fazer.

Mesmo com as distintas realidades de cada instituição, foi relevante observar que o interesse de todas elas vinculava-se à descoberta e à discussão envolvendo a dimensão ambiental trazida pela educação patrimonial, com o propósito de ultrapassar os processos de reflexão dos atores e levá-los à discussão e à constante participação.

O crescimento contínuo das ações educativas do MAX, através do projeto “*O MAX na prática pedagógica*”, constatado entre os anos de 2005 e 2007, é resultado do gradual preenchimento da lacuna existente no âmbito da valorização do patrimônio histórico e cultural.

Os atores da comunidade escolar e da sociedade como um todo fazem parte de um sistema que precisa ser nutrido em função de seu valor intrínseco, seja ele cultural e/ou histórico. Pode-se dizer que a escola é o ambiente que reúne em seu interior outros ambientes, de forma interdisciplinar e simbólica e a ação educativa é um relevante instrumento dos processos de ensino-aprendizagem.

Portanto, pode-se considerar que escola e ação educativa unem-se na perspectiva da conservação do patrimônio e, de maneira relevante, da proteção de cenários ambientais, que retratam aspectos das mais diversas gerações.

REFERÊNCIAS

BOLETIM INFORMATIVO DO MUSEU DE ARQUEOLOGIA DE XINGÓ/MAX, São Cristóvão: MAX, 2007.

BRASIL, *Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional* (Ministério da Cultura). Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do;jsessionid=077DC90455CE47104D9A8B3E3D7388C2?id=15481&retorno=paginaIphan>>. Acesso em 01 de março de 2011.

CASTRO, M. L. de; JÚNIOR, S. G. C. Educação Ambiental como Instrumento de Participação. In: *Educação Ambiental e Sustentabilidade*. Barueri, SP: Manole, 2005.

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm>. Acesso em 01 de Setembro de 2010.

CRUZ, M. T. S. *O Museu vai à Escola, a Escola vai ao Museu*. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe – Museu de Arqueologia de Xingó, 2004.

CRUZ, M. T. S.; VIEIRA JÚNIOR, A. S.; MECENAS, A. L. S.; SILVA, R. N.; BRITO, C. G. S. de; CARDOSO, G.; SANTOS, S. S. C. dos; SALES, T. A. S. Ação Educativa do MAX e Inclusão Social. *Anais do 4º Workshop Arqueológico MAX/PETROBRÁS*. Aracaju: MAX/PETROBRÁS, 2006, p. 192-193.

DIAS, G. F. *Atividades Interdisciplinares de Educação Ambiental: práticas inovadoras de educação ambiental*. 2 ed. rev., ampl. e atual. São Paulo: Gaia, 2006.

HORTA, M. L. P. *Educação Patrimonial*. Boletim. São Paulo, 2003. Disponível em: <<http://www.tvebrasil.com.br>>. Acesso em 25 de julho de 2008.

JACOBI, P. Educação Ambiental, Cidadania e Sustentabilidade. *Cadernos de Pesquisa*, n. 118, mp. a1rç8o9/-220050,3 março/2003.

JACOBI, P. R. Educação Ambiental: o desafio da construção de um pensamento crítico, complexo e reflexivo. *Educ. Pesquisa*. vol.31 n.2 São Paulo Maio/Agos. 2005.

LEFF, E. *Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder*. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

LEITE, J. R. M. *Dano ambiental: do individual ao coletivo extrapatrimonial*. 2. ed., rev., atual. e ampl. São Paulo: Saraiva, 2003. 343 p.

LOUREIRO, C. F. B. Educação Ambiental Transformadora. In: *Identidades da Educação Ambiental Brasileira/Ministério do Meio Ambiente*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004.

MARCONI, M. de A; LAKATOS, E. M. *Técnicas de Pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MELO e SOUZA. O Papel das Redes de Informação e Conhecimento nas Tramas da Educação Ambiental. *Revista brasileira de educação ambiental*. n. 3 (Jun. 2008).

Brasília: Rede Brasileira de Educação Ambiental, 2008. p. 105-111.

MORAES, A. P. de. *Educação patrimonial nas escolas: aprendendo a resgatar o patrimônio cultural*, 2005. Disponível em: <http://www.cereja.org.br/arquivos_upload/allana_p_moraes_educ_patrimonial.pdf>. Acesso em 18 de Janeiro de 2010.

NOELLI, F. S. *Educação Patrimonial: relatos e experiências*. Educ. Soc. v. 25, n. 89. Campinas set/dez, 2004.

RUSCHEINSKY, A. Atores Sociais e Meio Ambiente: A Mediação da Ecopedagogia. p. 51–63. In: *Identidades da Educação Ambiental brasileira/ Ministério do Meio Ambiente*. Diretoria de Educação Ambiental; Philippe Pomier Layrargues (coord.). Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004.

TEIXEIRA, S. V. S. de S; MORAES, A. P. de. A Gente também: Educação Patrimonial e Cidadania. *Em Extensão*, Uberlândia, V.5, 2005 - 2006.